

À luz do sol: as garotas do sexo da Praça da Alfândega do centro de Porto Alegre

J. Clarissa Beckert*

Luana Kohlrausch*

Resumo: O presente artigo visa apresentar os resultados de uma pesquisa exploratório-qualitativa, que teve por objetivo uma melhor compreensão da realidade das prostitutas de meia idade que trabalham na Praça da Alfândega no centro de Porto Alegre à luz do dia. O artigo parte de uma breve contextualização sócio-histórica da prostituição, para posterior problematização de alguns aspectos e especificidades desta realidade. Procura-se também expor algumas reflexões teórico-metodológicas a respeito do processo de coleta e de análise dos dados.

Palavras-chave: Prostituição em Porto Alegre; prostitutas de meia-idade; prostituição diurna.

Introdução

O presente artigo tem por objetivo relatar os resultados da pesquisa intitulada “À luz do sol: as garotas do sexo da Praça da Alfândega do centro de Porto Alegre” e as percepções das pesquisadoras nesta sua primeira empreitada no mundo da pesquisa científica. Salienta-se que este relatório foi requisito para a conclusão da disciplina de Pesquisa Social III, ministrada pela Prof. Dra. Elizabeth Pedroso, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, no primeiro semestre de 2010.

A escolha da temática desta pesquisa foi motivada pelo caráter único – aos olhos das pesquisadoras – do tipo de prostituição que ocorre na Praça da Alfândega. Tal caráter foi concebido como único devido aos seguintes fatores: por ocorrer à luz do dia, pelo perfil específico das mulheres, que foge do senso comum, além de ser localizado em um lugar de ampla circulação da população na capital; as mulheres estão de tal maneira integradas à dinâmica do meio que um passante desatento pode nem perceber a existência destas “mariposas”.

Portanto, a presente pesquisa tem por objetivo uma melhor compreensão deste segmento social específico – prostitutas de aparentemente mais de quarenta anos, fisicamente diferentes do estereótipo do senso comum das profissionais do sexo e que atuam à luz do dia na Praça Alfândega –, de seus símbolos e significações, bem como de sua realidade, visando quiçá uma ruptura com a marginalização estigmatizada evidenciada na contextualização

* Acadêmicas do curso de Ciências Sociais. Pesquisa desenvolvida com colaboração de *Thais Marques de Santo*

acima.

Inicialmente fazem-se necessárias algumas observações sobre o caráter desta pesquisa. Em primeiro lugar, queremos destacar que a amostra utilizada é composta por *apenas três mulheres*. Entretanto, estas propiciaram-nos a compreensão pretendida, e a possibilidade de adentrarmos este universo. Sabe-se que as compreensões adquiridas não podem ser consideradas representativas *da prostituição*. Salienta-se também o caráter modesto desta pesquisa, visto que foi desenvolvida como exercício prático dos ensinamentos teóricos aprendidos em aula, e que, portanto, teve limitações temporais e de aprofundamento analítico. Dentre os diferentes métodos de análise estudados ao longo do semestre, optou-se aqui pelo enfoque exploratório-qualitativo, instrumentalizado pela análise de conteúdo. Adverte-se ainda que nem todos os dados obtidos foram trabalhados, sendo que alguns foram privilegiados em detrimento de outros.

Este artigo organiza-se da seguinte forma: em um primeiro momento, faz-se uma breve contextualização sócio-histórica da prostituição; em um segundo passo, relata-se o decorrer do levantamento das informações, bem como uma reflexão sobre as experiências vivenciadas ao longo deste processo; em uma terceira etapa, analisa-se os dados obtidos e propõe-se reflexões sobre as inferências, bem como sugestões de hipóteses para outros estudos sobre o tema.

Contextualização sócio-histórica da prostituição

Ao problematizar a prostituição sob uma perspectiva sociológica, há a necessidade de uma breve contextualização das condições sócio-históricas da sua expansão e de seu desenvolvimento, tomando como foco a cidade de Porto Alegre.

A prostituição é comumente considerada a profissão mais antiga do mundo (SANTOS, 2008), contudo, ainda hoje podem ser verificados movimentos que tentam manter as prostitutas à margem da sociedade, como pode ser evidenciado na denúncia de uma das entrevistadas:

Tem várias prostitutas aqui da *Cidade-X* que vieram aqui pedir ajuda que a Brigada de lá estão querendo expulsar as gurias da rua dizendo que iam acabar com a prostituição na rua lá de *Cidade-X*. Sabe, ficam tudo revistando bolsas e coisa, abordando de maneira incorreta isso aí, “*Vou terminar com as putas daqui*”. Não é assim¹ (Walkíria, entrevista 2010).

A significação e simbologia da prostituição modificam-se ao longo dos processos

¹Alerta-se os trechos das entrevistas citados ao longo deste artigo são literais, com vistas de preservar a originalidade, e portanto podem conter descontinuidades sintáticas.

civilizatórios e de expansão urbana (SANTOS, 2008), o que também pode ser verificado na história de Porto Alegre. No final do século XIX, percebe-se o aumento da prostituição tanto pelo fenômeno já explicitado, quanto por algumas especificidades que acentuaram este desenvolvimento. O período foi marcado pela necessidade de inserção dos escravos recém libertos no mercado de trabalho assalariado, pela ampla influência da cultura européia nos costumes das pessoas, além da própria influência das imigrações na constituição das novas cidades.

O fim da escravidão engendrou um problema de ordem econômica na sociedade: havia a necessidade de inserção dos escravos libertos ao mercado assalariado. Tendo em vista a sociedade conservadora da época – onde, segundo Becker (2007), o modelo de mulher era o de mãe e esposa ideais, protetora do lar e da família – a mulher negra, na impossibilidade de outro ofício, viu na prostituição uma possibilidade de adequação à nova ordem, afrontando assim os padrões morais vigentes. De acordo com Becker (2007, p. 27): “Antes mesmo da abolição, alguns problemas já vinham sendo observados; entretanto, com relação à mulher, o ofício da prostituição se mostrou como opção para muitas que não conseguiram uma colocação profissional assalariada”.

Outra variável relevante no aumento da prostituição em Porto Alegre é a forte corrente migratória européia ao Rio Grande do Sul. Segundo Carneiro (1992, apud SANTOS, 2008), “estas ‘mulheres imigrantes’ [são] consideradas as pioneiras na implantação da grande rede de bordéis que a cidade chegou a ter”. Nota-se uma especificidade no que tange a localização destes e outros *cabarets*: na virada do século XIX, a socialização entre os cidadãos de Porto Alegre, segundo Lewgoy (1988), ocorria majoritariamente no centro da cidade – na Rua da Praia – para onde tudo convergia. Assim ocorria também com a prostituição. Segundo Becker (2007, p. 13), a “atual Avenida Borges de Medeiros, [era] famosa pela concentração dos bordéis e casas de jogo, escandalizando a imprensa e as famílias de bem”.

Além dos valores culturais propriamente ditos, importou-se também valores científicos da Europa, como o Positivismo. Este pressupunha não apenas ditames de ordem política e econômica, como também de ordem puramente moral. Assim sendo, como Becker (2007) já adianta, a prostituição passa a ser um problema a ser resolvido, visto que a sua prática é exatamente contrária à imagem sacralizada da mulher ideal. A solução para o problema seria o que alguns estudos denominam de processo de saneamento moral. Em Santos (2008, p. 11 e 97),

uma das premissas para este programa era regulamentar, disciplinar, controlar, vigiar, punir e

excluir os personagens da contra-mão da ordem, as condutas indesejáveis e os espaços malditos da cidade. [...] Identificada como uma figura decaída, perdida ou mensageira do vício, a prostituta, além de rivalizar-se com a figura da “santa do lar” e negar os princípios religiosos, passa a ser alvo da saúde pública através de um processo de higienização dos bordéis e controle do corpo, foco de contaminação de doenças venéreas.

Trazendo esta discussão para o contexto atual, salienta-se que, de acordo com o Código Penal brasileiro, a prostituição, como ato individual e de motivação própria, não é passível de pena, visto que a sua criminalização atentaria “contra o preceito constitucional de liberdade de ir e vir e de direito à privacidade” (Relatório Azul, 1995-96, p.71). A única atividade ilegal perante a lei é, conforme o Artigo 228 do Código Penal, “induzir ou atrair alguém à prostituição, facilitá-la ou impedir que alguém a abandone, com pena prevista de dois a cinco anos” (SOUZA e ADESSE, 2005, p. 57).

Diante deste breve sobrevoo, percebe-se que há uma dualidade no que tange o tratamento da profissão pela sociedade. Por um lado, a marginalização da prostituta, e por outro, a ilegitimidade da condenação de sua ocupação. Assim sendo, o estigma diante da prostituição, vigente ainda hoje, está arraigado nas entranhas das concepções morais da sociedade porto-alegrense.

Aproximação com o campo de estudo

A Praça da Alfândega, localizada no centro da cidade de Porto Alegre, é tradicionalmente o *habitat* de diversos personagens, compondo um quadro colorido bastante heterogêneo, dentre eles: índios, engraxates, mendigos, usuários de droga, artesãos, jogadores de dama e dominó e prostitutas. Uma vez provocada a curiosidade sobre a temática da prostituição neste local, as pesquisadoras foram a campo – leia-se, à praça – “perambular”, ou seja, fazer uma observação simples, como forma de contato inicial com a dinâmica de trabalho destas mulheres. Esta primeira aproximação suscitou uma série de impressões às pesquisadoras aprendizas, compartilhadas abaixo.

Chegando ao local, surpreendemo-nos com o cercamento do espaço: a praça estava em obras de reestruturação. Para onde teriam ido as prostitutas? Um rápido perambular nos permitiu constatar que esta situação atípica fez com que as diferentes tribos passassem a ocupar o espaço de forma geométrica: os índios de um lado, os engraxates do outro lado, um lado reservado aos transeuntes, restando à área em frente aos museus – MARGS e Memorial do Rio Grande do Sul – às garotas do sexo.

Ao encontrá-las procuramos nos camuflar para fazer a observação, na tentativa de

influenciar o menos possível a dinâmica do local. Para tanto, elegemos as escadas do Memorial, que nos propiciavam uma boa visão. Após alguns minutos, detectamos dentre as pessoas sentadas nos bancos, algumas possíveis “mariposas”. Possíveis, pois suas características não se diferenciavam de forma acentuada das demais pessoas que ocupavam o lugar. Suspeitávamos de quatro senhoras; entretanto, não conseguimos confirmar esta hipótese, pois a esperança de presenciarmos uma abordagem de algum cliente foi impossibilitada pela necessidade de deixar o posto de observação devido ao odor insuportável. Mudamo-nos para os bancos, onde fomos surpreendidas pela chuva e pela pouca visibilidade do que ocorria ao nosso redor. Todavia, a permanência por cerca de uma hora na praça já foi suficiente para aumentar a curiosidade e suscitar questionamentos: quem seriam aquelas mulheres? Por que trabalham durante o dia? Quais seriam as suas motivações para atuarem neste ramo? Teríamos descoberto um nicho particular de prostituição em Porto Alegre? Quais as suas especificidades e códigos próprios? Com estes dados torna-se possível a problematização da temática e do desenvolvimento do projeto de pesquisa.

Devido às especificidades do objeto, optou-se por um estudo de caráter exploratório-qualitativo, que foi instrumentalizado através da análise de conteúdo. Optou-se pela pesquisa qualitativa porque esta possibilita a compreensão dos fenômenos cotidianos, valorizando o significado e o sentido que o indivíduo dá ao contexto de sua ação, visando contrapor a interpretação do senso comum. Tendo em vista tanto a natureza muito peculiar do nosso objeto, quanto o tipo dos nossos questionamentos – “como” e “por que” estas características específicas que observamos são possíveis, fez-se necessário a execução de um estudo de caso. Segundo Roesse (1998), através do estudo de caso obtém-se uma grande quantidade de informações a respeito de um caso *sui generis* e “o acesso a informações privilegiadas e detalhadas sobre a realidade social, onde os processos sociais se desenrolam concretamente”.

Os dados foram coletados através de entrevistas semi-estruturadas individuais com três profissionais do sexo – gravadas em áudio digital e transcritas –, pois estas permitem ao entrevistador buscar respostas para alguns questionamentos pré-determinados. Os questionamentos deste estudo foram ordenados de acordo com os objetivos, sendo eles: conhecer o perfil sócio-econômico das profissionais e de sua família; identificar a sua trajetória profissional na prostituição e suas motivações para tal; mapear a dinâmica e rotina do trabalho diurno além de conhecer as especificidades da profissão e os códigos próprios da praça.

Legitima-se a aplicação de entrevistas semi-estruturadas individuais por propiciarem a

comparabilidade entre os informantes. Esta técnica também proporciona uma maior liberdade ao entrevistador, podendo este adequar o questionário pré-estruturado às demandas advindas do processo de entrevista. Além disso, segundo May (2004), este recurso permite ao pesquisador estabelecer um diálogo com o entrevistado. Partindo destas premissas teórico-metodológicas, segue abaixo a descrição da operacionalização destas entrevistas.

Uma vez elaborado o roteiro de entrevista e o planejamento do processo de entrevista, havia a necessidade de buscarmos um primeiro contato direto com as mulheres. A abordagem ocorreu na própria praça, quando uma das pesquisadoras apresentou-se a um grupo de três mulheres. Destas, apenas uma se mostrou vagamente interessada em ceder uma entrevista, que foi marcada para o dia seguinte. Dia certo, horário certo, local combinado, prostituta ausente: primeira entrevista frustrada. Diante deste primeiro obstáculo, precisávamos de um meio alternativo para estabelecer o contato. Como descobrimos *a posteriori*, “a prostituição é um mundo à parte, é um mundo privado, é mas tem como tu acessar. Tu sabendo entrar pelo lado certo” (Odeth, entrevista 2010).

Encontramos o caminho ao contarmos o Núcleo de Estudos sobre a Prostituição (NEP)². Um primeiro contato com a associação foi feito por telefone, resultando num convite para conversarmos pessoalmente. Por meio desta conversa, com a presidente do NEP, obtivemos a autorização para fazer contato com as prostitutas da praça, que trabalham voluntariamente uma vez por semana na sede do núcleo, atendendo às demais prostitutas que utilizam os serviços de apoio da ONG.

Na semana seguinte, em uma nova visita ao NEP, as pesquisadoras apresentaram-se a duas prostitutas, que após uma breve descrição do projeto e das intenções deste, concordaram em marcar uma entrevista, indicando também que muito possivelmente haveriam outras prostitutas, membras do NEP, dispostas a participar. Porém, estipulou-se uma condição que inicialmente causou um certo estranhamento às pesquisadoras: alegando o mau uso de informações fornecidas a pesquisas anteriores, estipularam como condição o pagamento para ceder a entrevista. Portanto, as três entrevistas feitas durante a execução deste projeto tiveram o custo de R\$ 20 cada.

Como reflexão sobre a metodologia utilizada, embasada em princípios teórico-metodológicos da pesquisa social, descrevem-se brevemente aqui três das experiências

² O NEP é uma organização não-governamental surgida em 1989 que atua junto às mulheres prostitutas promovendo palestras e oficinas sobre prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, HIV e AIDS, direitos civis, direitos humanos e cidadania. O Núcleo luta contra o preconceito, a discriminação e a violência contra as prostitutas, e busca despertar a auto-estima e o auto-respeito nestas profissionais.

práticas das pesquisadoras em campo, que suscitam novas compreensões sobre a teoria. Um primeiro aspecto digno de reflexão é a revisão do entendimento do termo “diálogo” proposto por May, citado anteriormente. Ao longo das três entrevistas, experienciou-se uma tensão no papel do entrevistador, que por um lado age como cientista, e por outro, como interlocutor. Tendo em vista o caráter semi-estruturado da entrevista e a liberdade de intervenção propiciada por esta técnica, faz-se necessário uma melhor compreensão desta “liberdade”. É necessária uma constante vigilância epistemológica para que as intervenções do entrevistador não comprometam o desenvolvimento e a qualidade do relato do entrevistado, e sim sirvam como um impulso para o aprofundamento das lacunas e das aberturas deixadas pelo mesmo. Como exemplo da necessidade desta vigilância por parte do entrevistador, expõe-se abaixo um trecho de uma das entrevistas onde esta característica explicita-se:

Walkíria: porque quando em 89 a gente tentou registrar, entendeu, isso aí foi muito forte para eles,
 Entrevistador 1: aham
 Walkíria: entendeu. Bah, uma, uma
 Entrevistador 1: então preconceito por parte deles de não aceitarem uma associação
 Walkíria: não aceitarem, é. Como botamos como núcleo de estudos da prostituição

De acordo com a passagem, percebe-se que a intervenção “*então preconceito...*” rompeu com a linha de raciocínio da entrevistada, alterando o foco da fala bruscamente. Um segundo aspecto que gera reflexão metodológica é o possível estranhamento causado pela situação atípica do contexto da entrevista, que pode alterar a naturalidade e a autenticidade dos dados, e que deve, portanto, ser levado em conta ao interpretar os dados. O exemplo citado abaixo ilustra esta situação de estranhamento, aqui causada pelo equipamento de gravação de áudio.

Entrevistador 2: Tu tens um exemplo assim pra contar?
 Odeh: Não posso falar palavrão assim alguém ouvindo
 Entrevistador 2: Claro fala do teu jeito, a gente tá conversando normal não tem ninguém ouvindo

Um terceiro aspecto trata da necessidade de um cuidado especial no que tange a escolha das palavras ao elaborar o questionário, bem como ao formular as perguntas espontâneas no decorrer da entrevista, visto que o vocabulário do entrevistador pode coagir o vocabulário do entrevistado, comprometendo assim a naturalidade e o fluxo da fala. No caso da criação do questionário da presente pesquisa, já houve uma sensibilidade com relação a esta peculiaridade, mais especificamente no que concerne à denominação da profissão.

Objetivando-se evitar a possibilidade de constrangimento, inseriu-se a seguinte pergunta: “Como você denomina a sua profissão?”, a fim de usar o próprio linguajar das entrevistadas. Ainda assim, percebeu-se frequentemente nas respostas das entrevistadas a adoção do vocabulário utilizado pelo entrevistador:

Walkíria: porque eu acho que é uma coisa muito íntima, de cada mulher que se prostitui. Ela, a escolha é dela. Ela escolheu aquele parceiro, é uma coisa íntima dela, entendeu

Entrevistador 1: sim

Walkíria: se ela der o dinheiro pra ele, problema dela

Entrevistador 1: claro, mas daí é como uma *relação* né

Walkíria: é uma *relação* de acordo entre eles.

(...)

Entrevistador 1: claro, assim como qualquer outro tipo de *relacionamento* né

Walkíria: de *relacionamento*, como tu ve mesmo na tv, vários que não aceitam nem se separar e acabam matando, aquelas coisas e tal

Após a coleta dos dados, houve a necessidade de transformá-los em formas passíveis de serem analisados; este procedimento deu-se através da transcrição da fala das entrevistadas – gravadas em áudio. Uma exigência a ser cumprida durante o processo de transcrição foi a substituição dos nomes das entrevistadas por nomes fictícios, garantindo-se assim a preservação do anonimato das fontes.

Tendo os documentos – leia-se, as transcrições codificadas – em mãos, houve a necessidade de fazer-se uma opção de método de análise. Devido à necessidade de uma via de interpretação descritiva – tendo sempre presente que se trata de um estudo de caso de caráter exploratório –, recorreu-se à utilização de elementos metodológicos da análise de conteúdo, visando uma melhor organização e sistematização das idéias e informações.

O processo de análise dos dados iniciou-se por uma retomada dos objetivos iniciais, com posterior *leitura flutuante* dos documentos, visando filtrar as informações pertinentes. Para a análise de conteúdo, este tipo de leitura é fundamental, pois possibilita um contato exaustivo com o material (CAPPELLE, MELO, GONÇALVES, 2003). Após assimilar e filtrar os dados de acordo com os objetivos, foi possível definir as áreas temáticas de análise; salienta-se que estas foram pautadas pelos questionamentos que serviram como base para a elaboração do instrumento de pesquisa. Observa-se que ao fazer a leitura flutuante – e se deparar com a profundidade do conteúdo e a recorrência de certos assuntos – surgiu a necessidade de inserir outra área temática até então imprevista, compondo finalmente um total de cinco. Após a definição destas áreas, passou-se para a definição das categorias de análise correspondentes a cada uma, tomando como critério a recorrência de assuntos presentes em todas as entrevistas, conforme a discriminação abaixo.

1. Perfil sócio econômico
 - 1.1. Idade
 - 1.2. Escolaridade
 - 1.3. Constituição familiar da moradia
 - 1.4. Casa própria
 - 1.5. Autonomia financeira

1. Trajetória profissional e motivações para atuar no ramo
 - 2.1. Primeiro contato com a prostituição e local
 - 2.2. Motivação para trabalhar como prostituta
 - 2.3. Possibilidades para o futuro
 - 2.4. Início da sua atividade na praça
 - 2.5. Motivo de estar na praça
 - 2.6. Outros empregos

1. Dinâmica e rotina de trabalho da prostituição diurna
 - 3.1. Violência e segurança
 - 3.2. Flexibilidade de horários
 - 3.3. Rotina de trabalho
 - 3.4. Preços
 - 3.5. Perfil dos clientes

1. Especificidades da profissão e códigos próprios da praça
 - 4.1. Concorrência
 - 4.1.1. Relação com as colegas
 - 4.1.2. Mulher é única
 - 4.1.3. Separação espacial
 - 4.2. Denominação da profissão
 - 4.3. Conduta
 - 4.4. Obra de reestruturação da Praça da Alfândega

1. Estigma
 - 5.1. Opinião pública sobre a prostituição
 - 5.1.1. Preconceito
 - 5.1.2. Respeito
 - 5.2. Opinião própria sobre a prostituição

5.2.1.Geral

5.2.2.Em relação à sociedade

5.3. Prostituição e educação

5.3.1.NEP

5.3.2.A prostituição como ensino

5.3.3.Papel frente à sociedade

5.4. Filhos

5.4.1.Educação

5.4.2.Relação com a profissão

5.5. Violência policial

5.5.1.Antes

5.5.2.Agora

Análise dos dados

Após a criação das áreas temáticas e das respectivas categorias, submeteu-se os documentos – dados brutos – a um processo de reagrupamento análogo às categorias. Este processo de recorte e ordenamento em tabelas dos dados resulta no corpo discursivo, que possibilita a sua análise enquanto fenômeno específico.

I. Perfil sócio econômico das prostitutas da Praça da Alfândega

O perfil sócio-econômico das prostitutas que constituem a amostra desmembra-se em algumas variáveis: a idade varia de 45 a 55 anos; a escolaridade de duas delas é de nível médio, e de uma delas de ensino fundamental. Em relação à constituição familiar da moradia, todas atualmente estão solteiras, mas duas das mulheres moram com familiares – filhos. Enquanto uma planeja adquirir seu imóvel próprio no futuro, as demais já o possuem.

Quando eu crescer eu vou casar, vou ter os meus filhos e vou ter a minha casa, sabe, de tanto morar na casa de um, na casa de outro, era meu objetivo na vida. Eu via as famílias assim né, eu sonhava com aquilo né. Eu não tinha uma família, uma irmã pra cada lado, aquela coisa toda. Eu dizia “eu vou crescer, eu casar e vou ter meus filhos e vou ter uma casa”. (Nina, entrevista 2010, tem casa própria, mora com os filhos)

Outro aspecto muito sobressalente que também se encaixa nesta área temática, presente em todas as entrevistas, é a valorização da autonomia financeira:

E para ti te manter, entendeu, querer tua independência, estudar, de repente vai ter que viajar para fazer algum mestrado, alguma coisa, sei lá, tem que ter grana. Tem que ter grana, nunca é demais. (Walkíria, entrevista 2010)

II. A trajetória profissional e motivações das prostitutas para atuarem neste ramo

A trajetória profissional das entrevistadas na prostituição caracteriza-se por ter seu início vinculado a um *homem*; nas falas fica evidente que este envolvimento tinha cunho afetivo. Destaca-se que em dois dos casos este vínculo resulta na *opção* por prostituir-se, enquanto que no terceiro caso, este resulta da *coação* para tal.

A mulher é que se apaixonou *por ele né*. Aham. E dai a gente, acabei me envolvendo com ele, na verdade *ele me envolveu* porque na época ele tinha 29 anos, é bem mais velho do que eu né. E tinha mais uma certa experiência e tal e eu acabei me apaixonando por ele. Acabei me apaixonando por ele e quando ele falou que eu ia *batalhar*³ no começo eu recusei que eu não ia fazer aquilo porque *eu não queria fazer aquilo sabe?* Só sei que *ele acabou me convencendo* eu acabei gostando de ganhar dinheiro! Eu fui me envolvendo e acabei acreditando em tudo que ele falava. (Odeth, entrevista 2010)

Nesta citação observa-se o caráter impessoal ao explicitar o seu relacionamento com o *homem* que a levou a prostituir-se, e como isto influencia a sua concepção de *homem*, chegando a generalizar esta sua visão negativa do papel deste, no primeiro grifo. Extraí-se também deste excerto outra característica predominante e unívoca das motivações destas mulheres para seguirem trabalhando como prostitutas: o gosto pelo dinheiro.

Tava ganhando mais na prostituição que no teatro. (Walkíria, entrevista 2010)

Aí eu fiquei imaginando eu numa cama sexo com um... eu imaginei uma pessoa idosa, um velho, né. Mas acabei indo pra ver como é isso então. Não é que eu fui e dei sorte, peguei um senhor idoso me deu *um monte de dinheiro*, gostou de mim, claro eles gostam das mais novas, né. E me tratou bem. Aí eu digo, “bom se é isso, pra mim tá tudo bem, *ganhar dinheiro assim tá ótimo*”. (Nina, entrevista 2010)

Esta importância, atribuída ao dinheiro, é fator determinante tanto para a motivação de permanecer exercendo esta atividade, quanto para a impossibilidade de substituir esta por outra.

Não. Porque não existe ex-prostituta. Não existe querida, vou te dizer porque. Porque muitas saem pra casar, outras saem para pegar um outro emprego, com carteira assinada, pra ter benefícios, entendeu, mas, acabam se dando conta que aquilo ali não é o suficiente. E sempre mantém o seu, os seus fregueses, e ela é prostituta sempre, porque no momento que ela precisa pagar uma conta, fazer um investimento, ela já sabe, ela tem os fregueses, ela vai a luta e busca um dinheiro extra. (Walkíria, entrevista 2010)

Eu poderia também, tendo uma carteira de trabalho assinada tantos anos em empresas boas, poderia ter voltado a trabalhar, só que eu achei que o salário não valia a pena. *Eu valia mais que isso*. (Nina, entrevista 2010)

Olha eu vou te dizer bem a verdade. Ahm pela questão da grana, eu não trocava a prostituição. Mas com a idade que eu to, se eu conseguisse um outro trabalho que me rendesse assim a mesma coisa que a prostituição ou mais ou menos isso. Eu até daria um tempo porque eu, às vezes a gente cansa. Sabe, a gente cansa, tem dias assim que eu to assim o sabe pelos cantos assim sabe. (Odeth, entrevista 2010)

³ Este termo é comumente utilizado pelas entrevistadas ao referirem-se a sua atividade.

Apesar de não considerarem deixar a prostituição, as entrevistadas preocupam-se com o futuro financeiro, visto que, como fica evidente na citação acima, sua idade poderá vir a dificultar sua atividade.

Sim, tentei mas não deu, não dá certo, eu acho que eu vou acabar assim ficando com esses clientes aí que eu acho que não vão me largar. Continuar sobrevivendo deles até conseguir alguma coisa assim de fixo. Eu fico com um desses dois, fico com os dois pra ganhar mais um dinheiro. entendeu? É isso que eu penso assim em fazer. (Odeth, entrevista 2010)

Em relação a este assunto, duas das mulheres citam a questão da legalidade da profissão, reconhecia pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) e passível de contribuição autônoma, como meio de assegurar o futuro.

Então é uma atividade. A prostituição no Brasil já é uma atividade. Entendeu. Então a gente pode pagar o INSS como profissional do sexo pra um dia que tu não puder que teu corpo tá cansado – que tu trabalha o corpo – tá doente ou coisa assim tu fica encostado (Walkíria, entrevista 2010)

Eu quero me aposentar quando eu fizer 60 anos, por idade. [Ao ser perguntada sobre a legalidade:] É que ela não é legalizada. Mas tem a CBO, a gente pode contribuir como profissional do sexo. O código da atividade é profissional do sexo, então desde 2002 que já foi reconhecida como uma ocupação. Foi reconhecida pelo Ministério do Trabalho. (Nina, entrevista 2010)

III. Dinâmica e rotina de trabalho da prostituição diurna

A trajetória pessoal de prostituição *na praça* destas mulheres data de dois anos para duas delas – salientando que este relativo curto período na praça é precedido por 27 e 26 anos, respectivamente, em outros locais – e de 24 anos para a terceira. Para as duas mulheres que alteraram o “ponto”, as motivações para tal foram, a perda de um companheiro e a tentativa evitar o constante confronto com as lembranças deste, além da decadência da atividade na área para uma, e o rompimento da relação com o antigo “cafetão”, para a outra:

Porque o meu antigo ponto que é na *rua-x* que não posso ir lá porque eu larguei o meu cafetão e ele que comanda lá né, e ele não quer, não deixa que eu *batalhe* lá. E daí eu fui pra praça. [Não posso voltar lá,] A não ser que ele morra. Daí eu posso ir. Funciona assim: no momento que t:u larga ele, como eu te falei tu não pode pisar nos pontos que são dele né. Pra trabalhar. (Odeth, entrevista 2010)

A dinâmica e a rotina de trabalho diurno são marcadas pela oposição à atividade noturna no concernente aos níveis de violência; aspecto este bastante evidenciado no discurso acerca desta dicotomia:

Tem tem diferenças, porque o ahm os homens da noite, de que fazem programa à noite, me parecem menos ahm menos acessíveis assim em questão de violência também são mais

grosseiros. E de dia não, são pessoas mais calmas mais normais; vamos dizer entre aspas assim sabe. E o da noite ele é o, que chega um certo horário da noite tu pode pegar bêbado, usuário de drogas esse tipo de coisa entendeu? Então eu prefiro trabalhar durante o dia. (Odeth, entrevista 2010)

E teve uma época que eu [batalhei] de tarde e de noite, fazia de tarde Centro e de noite boate, daí eu peguei os dois ambientes assim sabe? Um bem light assim porque a rua assim ela é light. E a noite não a noite envolve muito mais violência e a noite é muito mais bebida muito mais coisa. Então é bem mais perigosa assim sabe? Pra quem não tem jogo de cintura, pra quem. Então tu cria uma certa experiência quer queira quer não entendeu? Aprende às vezes meio que na marra. (Odeth, entrevista 2010)

O dia também é enaltecido pelas entrevistadas por propiciar maior flexibilidade de horários, adequando-se às preferências e necessidades pessoais.

Eu percebi que era muito pesado de noite, sabe, o clima realmente é mais pesado à noite. E talvez por hábito, por que antes de ser prostituta, de começar a *batalhar* eu sempre trabalhei, então aquele ritmo do dia. Para mim a noite era pra tá em casa e sempre foi assim. (Nina, entrevista 2010)

De dia na praça é, é bem melhor pra mim, porque daí eu vou para casa. E outra questão é que eu moro na *Cidade-Y*, o trem vai até as 11 entendeu. A gente não tem horário né, somos autônomas (Walkíria, entrevista 2010)

Observa-se na citação a autonomia destas mulheres na sua atividade. Entretanto, isto não é uma constante para todas. Uma das entrevistadas, Odeth, é autônoma somente há sete anos. Antes disso, era agenciada por um “cafetão” (companheiro) – contradição esta que será abordada nas considerações finais –, que controlava toda a sua vida, inclusive a rotina do trabalho.

Ele que determinava os dias, os locais tudo, né. Desde o lugar onde tu ia batalhar, até o lugar onde tu ia fazer o programa. E o tempo também né, especificava a quantia de dinheiro no caso. Conforme o tempo que tu ficava era o que tu tinha que cobrar. (Odeth, entrevista 2010)

Outra categoria pertencente a esta área temática é a do preço do programa. Na Praça da Alfândega existe um acordo tácito entre as profissionais do sexo, que estabelece o valor mínimo de vinte reais para o programa, sendo que para as prostitutas da amostra, o preço varia entre vinte e cinco e cinquenta reais, sendo que o preço do quarto é por conta do cliente. Segundo os relatos, o preço é sujeito a alterações, determinadas por algumas variáveis: movimento, duração do programa, aumento espontâneo dos clientes, etc.

É fixo, e assim eu sou bem irredutível em questão de baixar preço. Eu falo “não se eu baixar o preço eu vou baixar a qualidade do programa. Então, tu que escolhe, eu baixo até mas daí vai baixar a qualidade do programa! O preço é esse”. (Odeth, entrevista 2010)

A não ser que esteje muito ruim o dia, daí, chega assim: “só tenho 30”. Mas tu vai pagar o

quarto né? “Tá, não, tudo bem. Quanto é o quarto?” É tanto! “Então tá, te dou os 30, vamos lá.” Para não ir embora sem nada, entendeu? (Walkíria, entrevista 2010)

O perfil dos clientes é variado: de todas idades – com exceção dos menores de 18 anos –, casados, solteiros, viúvos – “na ponta do lápis, eu faço programa muito mais com homens casados do que com homens solteiros” (Odeth, entrevista 2010). Uma característica da clientela é ser composta por alguns fregueses muito antigos, “que se tornaram até amigos” (Walkíria, entrevista 2010); e outros que fazem programa semanalmente, alguns destes, há muitos anos. Nina exemplifica:

Eu tenho um solteirão que tem 20 anos que eu to com ele, todas as semanas, toda a quarta feira eu saio com ele de manhã, das 9 às 10. Ele é solteiro e nunca se casou, ele tinha duas mulheres na vida dele, eu e a mãe dele. Só que a mãe dele morreu ficou só eu então. Muito interessante, a mãe dele faleceu faz uns três anos já, aí fica eu, né. Ele me dá presente no dia dos namorados, no dia das mães, ele sabe que eu tenho os meus netos, filhas. Ele me dá presente, sempre tem algum agrado, ele me paga até, muito bem até. Toda a semana ganhar cem reais, fora o resto que ele me dá de vez em quando: “vou te dar mais um dinheirinho hoje”. Aí ele me dá duzentos, trezentos. Então isso é bom, esse vínculo que a gente tem. (Nina, entrevista 2010)

IV. Especificidades da profissão e códigos próprios da praça

A profissão possui algumas especificidades e a praça reserva alguns códigos próprios; dentre estas, merece destaque a questão da concorrência. O relacionamento com as colegas se dá de forma bastante profissional; consideram que “o sol nasceu para todas” (Walkíria, entrevista 2010) e isto evita atritos.

A gente tem os nossos clientes mas claro que não é surpresa, não foi nem uma nem duas vezes que eu não tava no meu lugar na hora, tava fazendo programa e vi clientes meus subindo com outra. Mas daí vai pelo profissionalismo né. Tu não vai dizer pro cara “aí que que tu tá fazendo com essa mulher”, não né? Ahm mas não vou querer “cobrar” entendeu dele porque a final de contas a grana é dele né? (Odeth, entrevista 2010)

É perceptível no discurso das entrevistadas a concepção de que “a mulher é única”, e que cada cliente tem determinadas preferências.

Existe aquele perfil assim que eles escolhem, não existe guria bonita, nova, preta amarela, cor de rosa, entendeu. Existe um tipo de mulher para cada cliente. É o que eles procuram. Não existe concorrência. Pode ter uma guria nova sentada ali do meu lado e eles não vão procura, eles vem do meu lado. (Walkíria, entrevista 2010)

Também percebe-se uma grande ênfase na tentativa de delimitar claramente o que é a *profissional-prostituta* e o que é a *prostituta-oportunista*. Ao longo das três entrevistas verifica-se inúmeras vezes esta tendência. Em muitos momentos evidencia-se a clara intenção de diferenciação das profissionais perante as usuárias de drogas que atuam no mesmo ramo e

local. Também surge desta divisão conceitual uma separação espacial na ocupação da Praça, visando reforçar esta especificidade:

A gente convive né, como toda a sociedade convive, familiares tudo. Cada um no seu quadrado, a gente pensa assim, cada um no seu quadrado. (Walkíria, entrevista 2010)

Então eu me sinto bem a vontade no meio delas porque também, o que elas fazem o que elas fazem eu procuro não ficar muito perto delas também né. Que é pra não ser metida no mesmo saco. Que algumas prostitutas que se dizem prostitutas mas na verdade são usuárias. (Odeth, entrevista 2010)

Usam a nossa profissão, se escondem atrás das nossas costas pra fazerem outras coisas. E fora as pessoas que usufruem do nosso trabalho, da nossa profissão pra ganhar dinheiro. (Odeth, entrevista 2010)

Com relação à preferência na denominação de sua atividade, as entrevistadas foram unânimes: preferem ser chamadas de *prostituta*. Destacam que o termo profissional do sexo abrange todos os tipos de prostituição, ao passo que na sua concepção, o termo *prostituta* é associado exclusivamente à prostituição da mulher.

Que eu acho assim, profissional de sexo, acho que é um nome legal assim, mas abrange várias pessoas. Então eu acho que prostituta é um nome feminino, singular e apropriado pro que eu faço, é isso, nada mais que isso. (Odeth, entrevista 2010)

É que profissionais do sexo envolve todos, garotas de programa, travestis que fazem programa, vários segmentos, né, os michês, as mulheres prostitutas. Então são os profissionais do sexo. Nós somos mulheres prostitutas. Não tem problema me chamar de prostituta, de jeito nenhum. (Nina, entrevista 2010)

Salienta-se que, embora todas prefiram a denominação de prostituta, por vezes se auto-denominam como *profissionais* do sexo, visando claramente a separação entre a atividade *profissional* dos demais atuantes desta área, como foi explicitado anteriormente.

A gente trabalha profissional do sexo, o nome já diz. Né, as usuárias de drogas são usuárias de drogas que ficam no meio da prostituição. As que fazem tráfico são traficante e que roubam dos clientes são ladras. Não é o nosso perfil, entendeu. (Walkíria, entrevista 2010)

Relaciona-se com este rigor na denominação da profissão à delimitação do perfil da *profissional-prostituta*, o rigor no que tange à conduta, ou seja, o visual e a postura das profissionais atuantes nesta praça:

Então era aquele estereótipo, né, um shortinho curtinho, uma saíinha, um bustiezinho, os lábio bem pintados de vermelho, imagina. Eu disse “não, Deus me livre, capaz que eu vou andar igual àquelas mulheres, ah, não vô”. “Ah, mas não precisa se vestir assim”. (Nina, entrevista 2010)

Tendo uma boa postura, sentada quieta discretamente, tranqüilo. Acho que faz parte né da tua

conduta, da tua postura, tu te manter como uma cidadã normal, porque a praça é pública. Então tu senta na praça, entendeu, o que tu vai fazer discretamente não interessa entendeu. [os policiais pedem] para não andarem semi-nuas, não desacatar autoridade, sabe... Não fazer baderna. (Walkíria, entrevista 2010)

V. Estigma

Ao sistematizar os dados percebeu-se a necessidade da criação de uma nova área temática, referente ao estigma social imputado às prostitutas. Dentre as diversas categorias relacionadas a esta temática, optou-se arbitrariamente pelo desdobramento das mais relevantes para a compreensão almejada pela presente pesquisa.

Percebe-se que elas se atribuem a função de disseminadoras de conhecimento relativo à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis:

Eu digo que a sociedade nos deve essa, porque na época da epidemia da AIDS, na época que entrou a epidemia, antes a gente não fazia um programa com camisinha, tudo sem. E daí depois que surgiu a epidemia da AIDS, a gente foi se conscientizando e foi atrás, tudo começou aqui pela epidemia da AIDS, e aí a gente foi trabalhando muito isso, se conscientizando, né. A gente tinha quer dar o exemplo usando camisinha, ensinando os nossos clientes. E assim por diante assim foi. Então hoje é bem difícil encontrar alguém que diz “eu quero sem camisinha”. Entendeu? Porque eles tão cientes, os homens de que precisa usar camisinha, primeira coisa alguns dizem: “tu tem camisinha?”. Eles tão se preocupando, é uma mudança muito boa e positiva. (Nina, entrevista 2010)

Além da função de passar adiante o *ethos* da prevenção, há consenso nas três entrevistas de que a prostituição é percebida como uma escola:

Eu acho que ali foi a minha faculdade, meu mestrado e meu doutorado. Ali eu me formei em tudo, em prevenção, em direitos humanos, é uma formação. Por que aquela base ali, só quem tá lá para viver mesmo, por que só quem vive é que sabe o que é uma base na prostituição. (Nina, entrevista 2010)

Acho muito interessante assim o ser humano o quanto ele pode ser bom e ruim ao mesmo tempo. O quanto ele pode ser as duas coisas ao mesmo tempo. O quanto ele pode ser mais bom, mais ruim sabe é um extremo assim sabe? Que tu só conhece quando tu convive assim mesmo fazendo programa porque o homem quando ele tá fazendo programa contigo, quando ele sabe que tu é prostituta e ele vai fazer um programa contigo ali tu conhece ele no quarto. Ali é que tu conhece ele. (Odeth, entrevista 2010)

Eu acho que uma profissão assim que ela te abre a cabeça pra muitas coisas, principalmente a questão a relacionamento a sentimento. Sabe a qualidade de vida. Sabe porque tu aprende muito na prostituição. Qualidade de vida em prevenção de saúde mesmo, sabe? De qualidade de vida de conversar com as pessoas psicologicamente assim sabe qualidade de vida psicológica, boa. Não ter, eu não tenho medo nenhum de conversar com ninguém sobre assunto nenhum falando em termos de sexo e prostituição. Sabe me sinto bem a vontade de falar com mulheres sobre isso. Me sinto muito mais de falar com homens. Até que eu acho me sinto mais à vontade acho que eu convivo muito mais com homens do que com mulheres né. Então a prostituição te dá essa essa amplitude pra tudo assim sabe tu ter um conhecimento de vida tu vê que tu não ter medo de chegar numa boate que tu nunca chegou na vida. Sabe, nada de mais. Tu querer conversar sobre qualquer assunto, de sexo, de relacionamento, de uso de droga. Sabe eu acho que a prostituição me abriu a cabeça pra esse tipo de coisa, de conhecimento. Agora tem a parte ruim também né. Eu acho que a parte ruim é que te deixa mais endurecida assim

pra vida. Tu não vê a vida assim “ai aquele cara é tão bonitinho, ai ele disse que me ama e eu acredito” não sabe. Tu não fica mais iludida por esse tipo de coisa por conviver com muitos homens que tu sabe que traem as mulheres mesmo, sabe? Então tu, esse tipo de coisa eu acho que é uma coisa ruim e uma coisa boa ao mesmo tempo né mas eu acho que assim se a gente... nós prostitutas se nós fossemos mais doce assim em relação ao sentimento acho que a gente viveria um pouco melhor assim, iludida mas melhor. Mas a gente fica bem mais endurecida de sentimento de relacionamento com certeza. (Odeth, entrevista 2010)

Esta citação também deixa evidente a opinião da entrevistada sobre a prostituição; evidencia-se um caráter dual no seu julgamento. Ao mesmo tempo que propicia elementos positivos, também trás consigo algumas mazelas. Nota-se uma discrepância desta concepção em relação à de suas colegas, ao menos nos dados que foram coletados. Para Walkíria,

É uma profissão como qualquer outra. É um meio de, para mim é totalmente comercial, né. É um trabalho normal. Eu acho que tudo quanto é profissão o respeito é importante. É um direito tu de ir e vir, né. E de permanecer, e de escolha de profissão. (entrevista 2010)

Nesta passagem também encontra-se saliente outro aspecto relacionado à sua concepção sobre prostituição, estendo-se agora à crítica da opinião que a sociedade tem perante elas. Elas reclamam por respeito, salientando que para o rompimento do estigma existe a necessidade de um melhor conhecimento por parte da população em geral sobre sua realidade. Este reclame ganha especial importância por emergir espontaneamente no comentário final das entrevistas, que foi feito sem a indução de perguntas do questionário. Ou seja, deduz-se disto que este aspecto foi escolhido por elas dentre todos os demais como a comunicação mais relevante. Citam-se abaixo integralmente os referidos comentários.

Entrevistadora 2: Tu gostarias de fazer algum comentário final, alguma coisa?

Odeth: Ai, eu acho muito importante esse ah interesse de vocês assim como estudantes sabe? Eu acho muito im- e daí é interessante e importante vocês irem atrás de informação pra vocês pensarem e pra vocês passarem essa divulgação né de que a prostituição é um mundo à parte, é um mundo privado, é mas tem como tu acessar. Tu sabendo entrar pelo lado certo. Sabe? Porque se tu for lá na praça sem como já aconteceu de chegar lá repórter com filmadora com máquina de fotografia querendo entrevistar as gurias tu não consegui nada. Tem que saber por onde chegar. Sabe? E eu acho isso muito importante pra divulgação pra ver se a gente consegue- se um dia a gente consegue acabar com esse tal de preconceito. Porque eu acho que só vai mudar, sabe mas acabar eu acho que não vai acabar nunca assim sabe? Ele pode melhorar. Pode mudar de opiniões, as pessoas pode abrir mais a cabeça um pouco sabe? Porque a prostituta também não é nenhuma santa, eu não to dizendo que são santas, eu não to dizendo isso. Mas eu acho que tem que ter um respeito pela profissão. Que é dali que eu vivo, e dali que eu sobrevivo, é dali que eu pago o meu aluguel que eu pago as minhas “conta”, faço a minha unha, faço meu cabelo, compro meu sapato, m- minha maquiagem, sabe? Então, é o meu trabalho. e as pessoas que respeitarem isso pra mim “tá” de bom tamanho. (Odeth, entrevista 2010)

Entrevistadora 1: não sei se tu teria mais alguma coisa, alguma observação assim dentro desta linha das perguntas que eu te fiz, que tu gostaria de fazer ou comentário...

Walkíria: O comentário que eu tenho para fazer é que assim, voltando aquela outra pergunta que tu fez, do que que as pessoas acham, uma questão de sociedade, a gente foi feita na sociedade, não somos excluídas né, mas assim que, as pessoas não são obrigadas a nos aturar, a nos engolir entendeu, aceitar. Entendeu. Mas o mínimo respeitar. Respeito né. Eu acho importante. Eu acho que tudo quanto é profissão o respeito é importante. É um direito teu de ir e vir, né. E de permanecer, e de escolha de profissão. E uma observação também é que os filhos de prostituta, ahm, profissional do sexo não são usuário de droga, das mulheres que não são usuárias de droga entendeu, os filhos não são de rua. Isso aí já foi feito uma enquete, ta, nossos filhos que a gente trabalha como profissional mesmo não são moradores de rua. Que a gente da uma educação totalmente diferente, meus filhos não fumam, não bebem, me respeitam, nunca dei num filho, nunca. Só conversa, sabe né, estudam, os filhos da XY que apareceu ali também estudam, fazem nutrição, entendeu... que a gente quer ver o melhor. Né. Os que são de rua são os das mães que se prostituem para usar droga. É diferente porque daí já tem é uma outra formação, outra educação. Até porque a gente trabalha profissional do sexo, o nome já diz, né, a gente, as usuárias de drogas são usuárias de drogas que ficam no meio da prostituição. As que fazem tráfico são traficante e que roubam dos clientes são ladras não é o nosso perfil, entendeu. (Walkíria, entrevista 2010)

Entrevistadora 3: Tem algum comentário final, alguma coisa em relação à prostituição, a tua visão da profissão ou alguma coisa que hoje tu acha importante para as moças que estão começando. Qual são as primeiras coisas que tu diz, que conscientiza elas?

Nina: Que, se tá exercendo a função, tá fazendo programa, se ela não tá satisfeita, tem vergonha, tem medo, não gosta, tá fazendo obrigada aquilo, que saia. Porque não vai ser uma boa profissional. Eu jamais trabalharia em alguma coisa que eu não gostasse. Eu acho que em primeiro lugar, qualquer trabalho que tu vá fazer, pra fazer bem feito tu tem que gostar do que tu tá fazendo, então que muda. Se não tá satisfeita, tem vergonha, isso, aquilo. Porque não gosta mesmo, odeia fazer programa, então sai. Arruma outra ocupação, que afinal vai se sentir muito infeliz e vai fazer ela sofrer muito. Porque quando a pessoa não se aceita no trabalho ela sofre, ela se deprime. À vezes eu digo “menina, porque tu tá fazendo isso então?”. “Vai fazer uma faxina, vai estudar, vai dar um rumo na vida, vai procurar outro ramo, porque nesse tu não vai te dar bem, não vai ser uma boa profissional do sexo”. Se tu não gosta tu que tu faz, como é que tu vai agradar um cliente? Como é que tu vai conseguir ter cliente? Eles não vão te querer, não tem como. Eu digo mesmo, não mando recado. (Nina, 645)

Conclusão

De modo mais reflexivo queremos salientar que, em uma perspectiva histórico-comparativa, o saneamento moral proposto no início do século, descrito no início deste artigo, é vigente ainda hoje. Mesmo após um hiato de cem anos, as prostitutas continuam enfrentando a marginalização, evidente esta na citação que retrata o conflito atual sofrido por um grupo de prostitutas da *Cidade-X*, no qual as autoridades pregam querer eliminar a prostituição no local.

Aproveitando esta perspectiva histórico-comparativa, identifica-se também um cômico paradoxo: a higienização dos corpos à qual as prostitutas do século passado foram submetidas converteu-se posteriormente em uma higienização *da sociedade pelas* prostitutas, como fica evidente nas considerações já discutidas acerca do papel de conscientização e prevenção exercido por estas.

A análise dos dados proporcionou algumas inferências sobressalentes, que merecem

maior descrição, reflexão e quiça novos aprofundamentos da problemática.

Obteve-se durante a pesquisa uma resposta muito clara ao questionamento sobre a preferência da atuação durante o dia. Este caráter está basicamente assentado na possibilidade de autonomia de horários e menor violência. Esta última característica só é atribuída à praça no período da noite; durante o dia ocorre somente um conflito tácito entre os diferentes tipos de prostituição.

Com base nas informações obtidas, surge a hipótese de que as especificidades e códigos da praça caracterizam-na como um espaço geográfico-urbano de autonomia feminina. Seria a Praça da Alfândega um *espaço feminino*? De acordo com as falas, este é um espaço onde existe cooperação entre as profissionais, além de um acordo de gestão autônoma, que proíbe a interferência de “cafetões”.

As entrevistas expõem também claramente uma dualidade na conceituação da figura “companheiro-cafetão”. Segundo as entrevistadas, o companheiro não é necessariamente um cafetão, ele é de livre escolha da mulher, sendo o compartilhamento dos recursos algo natural da relação. Entretanto, percebe-se também nas falas a existência do “cafetão-companheiro”, aquele que também é de livre escolha, mas que além de parceiro, ocupa a função comumente denominada como “cafetão”. Diante desta dualidade, sugere-se aqui um melhor desenvolvimento da problemática em pesquisas posteriores.

Com base nos dados obtidos durante a pesquisa, e o tom unívoco das mulheres ao tratarem desta temática, levanta-se a hipótese de que o início da trajetória na prostituição é determinado pela interferência de um relacionamento afetivo com *um homem*, sendo que, a partir daí, a motivação para a permanência na ocupação seria decorrente do *gosto pelo dinheiro*.

Outra constante nas entrevistas é a naturalidade na intitulação de sua atividade, a denominação prostituta é vista como a mais apropriada. Seria esta postura uma constante entre as demais profissionais? Outro aspecto a ser melhor desenvolvido é a postura emocional destas mulheres. Uma delas chega a se classificar como “endurecida”. Existiria um comprometimento da vida afetivo-emocional das mulheres atuantes nesta área?

Outro aspecto muito enfatizado pelas prostitutas é o clamor por respeito e reconhecimento da atividade *como profissão* por parte da sociedade. Argumentam que existe a necessidade de maior informação por parte desta para que não exista preconceito em decorrência da má definição de “quem é quem”. Percebe-se neste discurso de forma muito evidente a presença da influência do discurso ideológico do NEP sobre a concepção da

prostituição. Assim sendo, levanta-se a hipótese de que existe uma intensa interdiscursividade marcada pela ideologia defendida pelo NEP, visto que existe a possibilidade de internalização do *ethos*, principalmente por duas das entrevistadas serem sócio-fundadoras da ONG.

Para finalizar, gostaríamos de responder ao nosso primeiro questionamento: quem são estas mulheres?

Não podemos concluir se as nossas inferências são generalizáveis, mas podemos ter certeza dos sentimentos que tivemos ao longo do desenvolvimento do trabalho. A confiança e a abertura destas mulheres nos propiciou ter uma pequena visão sobre a trajetória de vida delas, que nos permitiu concluir que são mulheres batalhadoras, fortes, conscientizadas sobre a sua profissão e sobre o seu papel frente à sociedade. Não seria o tratamento da prostituta, que é marginalizada e estigmatizada pela sociedade, uma grande injustiça? Como é possível tratar estas cidadãs como transgressoras, uma vez que tais mulheres preferem vender a sua mais íntima intimidade, a violar a integridade da sociedade, mantendo a sua subsistência de forma legal, não roubando, não assaltando e sim, respeitando a vida em sociedade?

Referências:

BECKER, Gisele. **A construção da imagem da prostituição e da moralidade em Porto Alegre pelo jornal Gazetinha: Uma análise dos códigos sociais segundo a Hipótese de Agendamento (1895-1897)**. 2007. 208 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – PUC, Porto Alegre, 2007.

CAPPELLE, M.A.; MELO, M.L.; GONÇALVES, C.A. **Análise de conteúdo e análise de discurso nas ciências sociais**. Revista de Administração da UFLA, v.5, n.1, jan-jun., 2003

CCDH, Assembléia Legislativa RS. **Relatório Azul 1995**. Porto Alegre, Diretoria de anais, 1996.

LEWGOY, Bernardo. **Os cafés na virada urbana de Porto Alegre (1920-1940): As transformações em um espaço de sociabilidade masculino**. Porto Alegre. 1988.

MAY, Tim. Entrevistas: métodos e processos. In:_____. **Pesquisa Social: questões, métodos e processos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROESE, Mauro. **A metodologia do estudo de caso**. Cadernos de sociologia, Porto Alegre, v. 9, p. 189-200, 1998.

SANTOS, Fernanda Guedes dos. **O comércio ilícito do prazer e a ação policial e jurídica em Porto Alegre (1889-1930)**. 2008. 156 f. Dissertação (Mestrado em História) – PUC, Porto Alegre, 2008

SOUZA, Cecília M. E; ADESSE, Leila. **Violência Sexual no Brasil: Perspectivas e Desafios**. Brasília, Ipas, 2005.